

Jornal da

# PERIFERIA

ANO I — Nº 3

FEVEREIRO DE 1980

Cr\$ 5,00



“NÃO VAMOS  
PARAR”,  
É O AVISO  
O PREFEITO.

**PARTIDOS:  
REGIÃO  
DISCUTE PT**

Pág. 6

**DEBATE: OS  
BAIRROS  
E AS LUTAS**

Pág. 3

**CRIANÇAS:  
EVA, JAIR  
E SILVIA**

Pág. 4

Pág. 5

“Não queremos esta situação”

“O Nilo Araujo continua trabalhando a defesa dele com o advogado no Forum. O pessoal do Parque Amazonas continua pagando o terreno no Forum. Porque o loteador não quis o loteamento, então nós continuamos pagando no Forum. O loteador Nilo Araújo foi intimado na Prefeitura, se ele não regularizar o loteamento, vai ter uma multa calculada por metro quadrado. Praticamente uma área como o parque Amazonas está calculada em 16 mil cruzeiros de multa por dia.

O pessoal do Parque Amazonas está muito apavorado, porque faz sete anos que vivemos no escuro, sem saber que dia vem a luz. O alvará da luz foi aprovado na prefeitura, e enviado para a Light. Estamos esperando a solução da Light. Aqui não está tendo mais condições de viver no escuro. Sem luz, sem água encanada, sem lixeiro, sem ruas rebaixadas. O sofrimento é grande para um ser humano. Não queremos esta situação.”

João Rodrigues de Souza

A TV, a violência e o trabalhador

“Quando assistia ao programa ‘Fantástico’ de 2.12.79, o dito cujo abrangia a ‘escalada da violência’. Confesso que fiquei muito constrangido. Por que não mostram a realidade brasileira? A pena de morte é seríssima prá se fazer uma enquete daquela forma. Como sou analfabeto de pai e mãe no assunto, acredito que deveria ser estudado, debatido, etc. Gente! Este é um tema social, que tem raízes no próprio sistema político. Portanto, pagamos um preço altíssimo em consequência do desnível social, má distribuição da renda, etc.

Será que temos o direito de acabar com a vida de outro semelhante? O povo está farto ao longo de 15 anos da ‘redentora’, assistindo a futebol, Trapalhões, e as famosas novelas com seu mundo da fantasias que aguça mais a mente daqueles que não podem ter um artigo de luxo em casa, que é o pão de cada dia. Enquanto isso, o país e meia dúzia de privilegiados enriquecem cada vez mais às custas do trabalhador. Ganhando um salário de fome, miséria e necessidade, é muito mais cômodo que

este elemento marginalize-se completa e totalmente. Se o Estado arca, com cada presidiário, a quantia de cinco mil cruzeiros, por que os homens que traçam os nossos destinos no papel, estipulam cínicamente o ‘salário mínimo’ que sequer atinge as migalhas dos três mil cruzeiros? A exploração, a opressão precisam ser banidas do país. Conheço gente que durante a semana carrega na marmita bofe de boi como mistura. Gente que carrega ovos a semana inteira como mistura. Gente que prá enganar o estômago adormece no intervalo das refeições, porque não tem o que comer. Pergunto: será que o trabalhador, neste estado de subnutrição, tem condições de saúde pra trabalhar?

(Joselito Brito dos Santos J. Santa Edwiges)

Light manda a conta, mas nada de luz

— Nós moradores do Jardim Icarai, como de todos os outros bairros, estamos cansados de ser assaltados, principalmente nos dias de pagamento. Não temos sossego, porisso solicitamos segurança nesse bairro, principalmente nesses dias, por que não é nada agradável ficar sem o pagamento que roubam até durante o dia.

Pedimos também à LIGHT que olhe um pouco por nosso bairro, sempre estamos sem luz. Só depois de muitos telefonemas, é que a luz é ligada novamente, e algumas vezes já ficamos a semana toda sem água, porque depende da energia elétrica. Mas a conta da luz vem sempre em dia, e vem cobrando até mais do que o costume.

(VERA - J Icarai)

Seu Francisco dá uma força

Olha aí, gente, que idéia boa, e que gesto bonito do seu Francisco de Paula Silva. Ele mandou avisar, através do JP, que pode pagar as prestações dos terrenos dos moradores do Parque Amazonas, quando for pagar a dele. Assim, as pessoas não precisam perder um tempão em sair de casa, pegar condução e ir até a cidade. O endereço do seu Francisco é rua 2 número 20, no Parque Amazonas e ele está à disposição dos interessados todas as segundas-feiras. Mesmo nas pequenas coisas, quando a gente se ajuda a vida fica mais fácil, não é?

O poder do capitalismo

“O custo de vida e o baixo salário são insuportáveis para o trabalhador. Mas a TV aí está, apresentando uma vida bonita e boa que só pode sonhar. A propaganda é um desrespeito ao povo e principalmente às crianças, que desejam o que a mesma apresenta, aumentando mais ainda o sofrimento dos pais que não podem comprar. Isto é uma vergonha para quem dirige um país como este, cheio de riqueza.”

Sebastião K. da Silva

A REGIÃO COMEÇA A DISCUTIR O PT

Os trabalhadores começam a perceber que é preciso fazer política. Depois de anos e anos de opressão, com os partidos políticos tentando usar o trabalhador como massa de manobra, a situação começa a mudar. Os trabalhadores decidiram participar da vida política do país, e uma das formas de participação é a construção de um Partido que pertença à classe trabalhadora. Estas questões começaram a ser debatidas nos bairros da nossa região, desde que surgiu a idéia e o Movimento Pró-PT. Na página 6 o JP conta como foi uma dessas reuniões, com a presença de moradores de várias vilas e de um deputado do PT.

O Movimento das Favelas continua batalhando pelo direito de moradia

e condições de vida mais dignas. Os 880 mil favelados avisam que não vão parar seu movimento. Leia na página 5 como está a luta das favelas. Na página 3 o JP entrevista três moradores (Joana, Zé Andrade e Socorro), gente que há muitos anos participa dos movimentos e lutas aqui da região.

Criança da periferia, quando está de férias o que faz? Eva, Jair e Silvia falam sobre suas vidinhas, na página 4. Na página 7 procuramos entender melhor o que é essa tal ‘crise econômica’ que esfola o país. Entra ministro, sai ministro. E daí? O que muda para o povo? E na página 8 está a Escola de Samba Independentes do Jardim Miriam, que se prepara para o carnaval.



POR QUE A COMISSÃO DE MORADORES DO JP?

A Comissão de Moradores é formada por um grupo de pessoas, representando várias vilas, que desde o primeiro número participam da realização de nosso jornal. Através de reuniões dos jornalistas com esta Comissão é que são levantados os assuntos de interesse dos moradores.

Nessas reuniões a gente também levanta as críticas, do que o pessoal gostou ou não gostou no JP. A comissão continua aberta a todos os moradores de vilas que não estão ainda representadas, pois só com a sua participação efetiva o JP poderá ser cada vez mais, um porta-voz das lutas do povo da periferia.

Até agora, a Comissão é formada pelas seguintes pessoas, que podem ser procuradas pelos moradores de seus bairros, para discutir, mandar cartas e sugestões:

— Parque Amazonas — João Rodrigues de Souza, Rua 5, número 9.

— Jardim Edwiges — José Andrade, Rua 4, número 48.

— Jardim Santa Terezinha — José Lucio dos Santos, Rua 2, número 39.

— Jardim Icarai — Vera Lucia Fratis dos Santos, Rua 25, número 794.

— Associação Capoeira Corrente Libertadora — Eufraudio Modesto Filho - Avenida Um, número 44, São José.

— Balneário São José — José Leite Basilio - Rua 4, número 23.

— Jardim Colonial — Carol Colber - Rua C, número 28

— Vila Angelina — Antonia Lopes (Toninha) - Rua 8, número 52.

— Grajaú — Olimpio da Silva Matos - Rua Ricardo Macedo, número 6.

— Jardim Miriam — Wanderlei Francisco Pires, Associação Cultural Faca Amolada, avenida Cupecê, 5349.

PERIFERIA

EXPEDIENTE

Diretora responsável: Elizabeth de Souza Lorenzotti — Reg. MT 10.716 — Matr. Sind. 4183.

Redação: Estrada de Parreiros, 4560 — sala 13 — São José — São Paulo

Composto na Editora Jornalística AFA Ltda. — Av. Liberdade, 704 — São Paulo Impresso nas Oficinas do Jornal Paulista Ltda. Rua Oscar Cintra Gordinho, 46 — São Paulo



# “Tudo que acontece é um problema político”

*Joana da Silva (J. Icarai), José Andrade (J. Santa Edwiges) e Maria do Socorro Pinho (P. Amazonas), são alguns dos moradores que há muito tempo participam ativamente das lutas da região. Veja o que eles dizem.*

**JP - Quando e como começaram os movimentos de reivindicação aqui na região?**

**SOCORRO** - Em 1975, com o início do Movimento dos Transportes, já existiam alguns movimentos nos bairros, mas não amplos nem organizados como foi o do Ônibus. Foi depois daquela grande assembleia do Ônibus, na Igreja de São José, no dia 21 de abril de 75, que eu acho que nossa região tomou mais consciência da necessidade de levar organizada-mente os movimentos. Também nós moradores não tínhamos ainda a consciência que temos hoje, e a consciência é muito importante. Não adianta o pessoal participar dos movimentos sem ter consciência.

**JP - Como foi esse movimento do Transporte e quais as vitórias conseguidas?**

**SOCORRO** - Mesmo sem ter ainda muita consciência do problema, muitos moradores participaram da nossa pesquisa. Esta pesquisa sobre o número de ônibus que circulavam, número de viagens, tempo de intervalo entre um ônibus e outro, duração da viagem até o ponto final, número de passageiros, tudo isso foi levantamento feito pelos moradores daqui. E foi um belo trabalho, os técnicos da Prefeitura nunca tinham feito isso e foi bom porque a gente mostrou que o povo, quando é organizado, pode fazer muita coisa. Me lembro que eu e meu marido, como vários outros moradores, ficamos desde às quatro horas da manhã, escondidos dentro da igreja de Parelheiros, controlando os ônibus através de uma janelinha quebrada.

**JP - Conseguiram vitórias?**

**SOCORRO** - Ah, melhorou muito mesmo, depois da nossa movimentação. Antes da campanha, dificilmente os trabalhadores dos bairros viam ônibus por exemplo, no largo de Parelheiros. Agora está melhor, mas é claro que a gente não pode dizer que está ótimo, sempre tem bairros prejudicados, que ainda enfrentam falta de ônibus, ou viajam nos ônibus caindo aos pedaços, velhos e sem manutenção. Mas de modo geral posso dizer que melhorou, e foi aí que começamos a aprender que se nos unimos e pressionamos, os administradores vão ter de nos dar atenção. Esses movimentos fazem as coisas melhorarem, mas nunca solucionam tudo do jeito que a gente quer e tem direito.

**JP - Depois da campanha do Ônibus, vocês entraram logo em outra reivindicação?**

**SOCORRO** - Óiha, o movimento dos loteamentos clandestinos veio logo depois. Ele já tinha começa-



Joana e Zé: a necessidade de participar das lutas organizadamente.



Maria do Socorro — “Antes a gente vivia na pior, e achava que era Deus que queria”.

do, na Capela do Socorro, em 1976, mas poucos bairros aqui da região se integraram naquela época, inclusive por que nós não tínhamos conhecimento de que esse problema existia nos nossos lotes. Aos poucos, com a divulgação, outros bairros começaram a participar. A maioria dos moradores nem sabia o que era loteamento clandestino, esse problema tão grave da periferia de São Paulo. Antes das primeiras reuniões, antes dos advogados chegarem para nos orientar, nós vivíamos na pior achando que era Deus que queria assim. Mas quando tomamos consciência, aí tudo ficou mais claro e a luta começou firme em busca das nossas escrituras e contra as imobiliárias, os proprietários e a Prefeitura. Nessas lutas é preciso acreditar mesmo na força da gente, senão a gente desiste. Acredito que de uns dois ou três anos prá cá, o povo da periferia está tomando cada vez mais consciência e conhecendo os verdadeiros problemas do Brasil e os verdadeiros culpados por esses problemas. Hoje o pessoal já não pensa mais que é “Deus quem quer”.

**JP - Qual a importância desses movimentos, para a nossa região?**

**ZÉ ANDRADE** - Os movimentos de ônibus, terreno, e qualquer outro movimento, levam o povo a sentir a necessidade de participar, de lutar, e principalmente, ensinam que é preciso se organizar. Sem organização nada vai prá frente. Esses movimentos nos bairros estão mostrando que o povo da periferia começa a entender a vida política do país, e quer participar,

não aceita mais ficar de fora sendo explorado. Prá mim, a grande vantagem das lutas é que elas organizam, porque um país sem povo organizado é um território deserto, não é país.

**JP - Vocês analisaram a participação dos bairros da zona sul na última greve dos metalúrgicos. Que conclusões tiraram?**

**ZÉ ANDRADE** - Eu acho que foi muito importante, foi um movimento que mostrou ao trabalhador, seja ele metalúrgico ou de qualquer outra profissão, como nós devemos nos organizar e lutar. Principalmente quando existem sindicatos que não defendem os interesses dos trabalhadores, como é o caso do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, com o pelego Joaquim e sua curriola. Então o trabalhador deve procurar outros meios de levar sua luta, e uma dessas formas é contar com o apoio e solidariedade dos bairros onde moram os operários. Para os bairros foi também mais importante ainda, porque nos unimos numa só luta.

**SOCORRO** - Aqui na região o movimento dos metalúrgicos foi como um alerta, acordando muita gente, mostrando que a luta do trabalhador é uma só, seja no bairro, na fábrica, no sindicato, todos nós sofremos os mesmos problemas de baixos salários, péssimas condições de vida. Acho que quando chegar a hora, os metalúrgicos também vão nos apoiar.

**JOANA** - Cada dia que passa a gente descobre que só conseguimos as coisas, os nossos direitos, na base da pressão, de ir cobrar, de exigir, de fazer greve, de lutar

prá valer.

**JP - Como vocês enfrentam o problema de ampliar a participação nos movimentos dos bairros?**

**JOANA** - É, esse é um problema sério mesmo. O povo está acordando de um sono profundo. Por exemplo, na nossa última assembleia de loteamentos no Icarai, foi pouca gente, nem 50 pessoas, isso mostra que o povo está desinformado sobre o assunto, tem gente que não sabe o que é alvará. Então precisamos aprender como trazer esse pessoal para o movimento, é um problema delicado, só vamos conseguir conscientizar todo mundo depois de muita luta. Nós, trabalhadores, estamos em fase de aprendizagem.

**ZÉ ANDRADE** - Isso é porque o povo ficou anos e anos oprimido, sem poder falar, nem pensar, e acaba não acreditando em nossas forças. Mas esta situação já está mudando.

**JOANA** - O governo não quer que o povo mexa com política, não quer que o trabalhador tenha tempo prá pensar na sua realidade. E isso não pode continuar. Nós sabemos agora que temos de fazer política porque tudo que acontece é um problema político. Eu acho que nós devemos lutar por um governo que seja nosso, um governo em que o povo decide. Pode ser um sonho, mas um dia acontece.

**SOCORRO** - Mas não é só votar, porque no passado a gente votava e vimos que não deu certo nada.

**ZÉ ANDRADE** - Tem de votar organizado, saber em quem votar e não esperar que outros façam por nós tudo que temos de fazer nós mesmos.





“O lugar que eu mais gosto é sempre longe e muito caro”

## “Queria que em vez de mato era fonte”

*Três crianças da região falam sobre seu mundo. Conheçam Eva, Jair e Silvia.*

### EVA

Uma menina morena, de olhos vivos, 10 anos de idade, conta que ia à escola, mas a professora batia nela. Porisso Eva vai começar de novo a primeira série. Ela gosta de desenhar, sabe escrever seu nome e diz que levanta cedo “seis horas já estou de pé”. Arruma a casa, e depois vai brincar.

### SILVIA

Gordinha, Silvia Regina, 11 anos, é irmã de outro garoto, o Jairzinho, de sete anos. Ela está na quinta série da Escola General Vicente de Paula Dale Coutinho, que, aliás, ela nem sabe porque tem nome de general. (Ninguém sabe o que esse senhor fez pela Educação para ter nome de escola). Silvia acorda às 8 horas e estuda durante toda a manhã, e gosta muito da merenda escolar, mas quando chega em casa sempre tem fome. E também ajuda a mãe nos trabalhos da casa.

### JAIR

Ele é comilão, e está na segunda série. A vida de Jairzinho, por enquanto é assim: “acorda, come alguma coisa, brinca, come de novo, vê TV, come e dorme”.

### OS BRINQUEDOS, OS MEDOS O CIRCO E A TELEVISÃO

A rua em que estas crianças moram tem muito barro, e tem um campinho onde elas brincam. De que? De jogar pedrinhas, amarelinha, pega-pega, e de fazer panelinhas de barro, máquina fotográfica de barro, e carrinhos com carretel de linha.

Também brincam de bola e jogam dominó. Esses meninos têm medo de roda-gigante, de avião, de ladrão, do escuro, e todos passam horas na frente de uma televisão. E se pudessem mandar na programação, queriam mesmo que tivesse só desenho animado. Ficam muito tempo ligadas na TV porque, afinal, na periferia não existe lazer para as crianças, e elas gostariam de ver muita coisa.

O circo, por exemplo. Nenhum dos três nunca foi a um circo, mas já viram na TV. E família de pobre pode levar filho ao circo? No Play Center nem se fala. Elas sonham, mas fica tão longe e é tão caro, que de transporte, entradas, pipoca, e um outro brinquedo, os pais têm de gastar muito dinheiro. Quando os pais não podem levá-las a esses lugares o que elas fazem? “Eu não faço nada”, diz Eva. Mas às vezes fica triste. Diz: “É difícil prá me levar no lugar que mais gosto. Deve ser porque é sempre longe, ou é caro”.

Ao centro da cidade todos já foram. Eva é a única que achou bonito lá. Silvia diz que só viu muita fumaça, e Jair conta: “Na cidade é sempre muito escuro, por causa da poluição”. Essas crianças, que não acreditam em Papai Noel - sabem que “é o pai da gente”, têm seus planos para o futuro. Eva quer ser “madre, porque tem casa bonita, tem carro e come muita fruta”. Silvia concorda: “É, não come só arroz e feijão”. Silvia quer ser enfermeira, e Jairzinho quer ser mecânico: “Prá consertar máquinas pequeninhas”.

### SE ESTA RUA FOSSE MINHA

Quando a gente pergunta como eles queriam que fosse a sua rua, Eva responde:

— Eu queria que não tivesse mato, porque entra muito bicho dentro de casa.

E Silvia escreveu: “Eu queria que em vez de mato era fonte, com um campo cheio de flores e de rios bem lindos”.

## A batalha pelas escrituras

A luta pela regularização dos lotes no Icarai continua firme. No dia 20 de janeiro os moradores fizeram uma Assembléia no bairro, com a presença da advogada Edeli, para decidir como encaminhar a questão das quatro glebas de lotes em que o bairro está dividido. Isso porque atualmente só estão saindo as escrituras da gleba C. As das glebas A, B e D não estão saindo porque um dos proprietários - José Epaminondas de Almeida - faleceu, e assim os compradores só conseguem a escritura através de um alvará que é dado pelo juiz. Este alvará quem tem de providenciar é a Imobiliária Souza Ramos, responsável pela venda dos lotes das três glebas, mas a Souza Ramos está enrolando os moradores do Icarai, e porisso eles realizaram a Assembléia. Ficou então decidido, por votação, que os moradores vão encaminhar o pedido de alvará, independentemente da imobiliária.

Esta decisão é consequência da atitude da Souza Ramos, que desde o ano passado está tentando explorar mais ainda os compradores desses lotes, com uma história muito bem inventada. Dizem os representantes da Souza Ramos, que antes do alvará era preciso fazer o levantamento da documentação das glebas A, B e D. Depois que o procurador do José Epaminondas,

um tal de doutor Santana, sumiu com dinheiro e documentos dos compradores.

O problema é que a Souza Ramos está querendo obrigar os moradores a pagarem por esse levantamento e pelo alvará. Como ninguém concorda em ser explorada ainda mais, ficou acertado que os moradores vão tirar as escrituras por conta própria. Eles mesmos, com a orientação da advogada Edeli, vão tratar de tirar suas escrituras. Será uma luta dura, mas que poderá ser vitoriosa, se cada morador que comprou seu lote participar do movimento, ajudando a Comissão integrada por seus representantes, a organizar cada passo dessa batalha pelas escrituras. No dia 10 de fevereiro, domingo, às 10.30 da manhã, haverá outra reunião no Centro Comunitário, quando o pessoal do Icarai vai decidir, qual será o próximo passo a dar em busca das escrituras. De agora em diante, nenhum morador do Icarai vai contar com a Souza Ramos, que exigiu que cada um dos compradores pagasse 2 mil cruzeiros para pagar o tal levantamento e a escritura. Todos sabem que existe uma tabela de preços para escrituras e que elas podem ser lavradas em qualquer Cartório que o comprador do lote escolher. Mais uma vez, o povo cansou de ser enganado e partiu pra resolver seus problemas.

## ESTA ASSEMBLÉIA É DO POVO

O Movimento dos Loteamentos Clandestinos na nossa região está se preparando para uma grande assembléia de moradores, que será realizada no próximo dia 24 (de fevereiro) às 15 horas, na Igreja de São José. Nesta assembléia todos os bairros que estão na luta pelas escrituras deverão estar representados, e o objetivo é discutir as propostas que o pessoal aqui da área levará a uma outra grade assembléia na Capela do Socorro, que reúne loteamentos de toda a região sul. Para a assembléia do dia 24 não serão convidados representantes dos órgãos públicos encarregados do problema, pois neste dia os moradores irão definir os próximos passos para a continuidade da luta, mas um dos advogados do Movimento, o Doutor Firmino, estará presente para explicar melhor ao povo o que significa este Decreto da prefeitura sobre as construções irregulares. Todos os bairros levarão propostas de encaminhamento da luta, mas já existe uma proposta de se realizar uma assembléia para reunir todos os loteamentos da área rural, ligados ao INCRA. Para os moradores da zona rural o problema da regularização dos lotes é ainda mais complicado, e deve ser discutido junto com representantes do INCRA. **MORADORES, PARTICIPEM DAS REUNIÕES E ASSEMBLÉIAS DE TERRENO, PROCUREM OS REPRESENTANTES DE SEU BAIRRO. A LUTA PELA ESCRITURA APENAS COMEÇOU.**

# Chega de enrolação!

*O prefeito não gosta de receber favelados. E manda intermediários prá enganar o povo.*

Mais de cem pessoas, representando os favelados da Zona Sul, se reuniram no último dia 30 de janeiro na igreja da Cidade Dutra, para saber como estão os processos de instalação de água e luz prometidos pela Prefeitura. Lá estavam duas assistentes sociais, representando a SATHS — Superintendência Geral de Atendimento à População Moradora em Habitação Subnormal — e a SURS — Supervisão Regional do Serviço Social.

Os moradores das favelas, unidos em seu movimento, sabem muito bem que o Programa de Melhoria das Favelas é só um grão de areia, só pretende atender a algumas reivindicações, deixando de lado o problema principal: a posse do terreno. O favelado quer o direito à moradia, e sabe que essas "melhorias" da Prefeitura são em caráter precário, quer dizer, quando o terreno tiver que ser utilizado para obras do município, todo mundo será despejado.

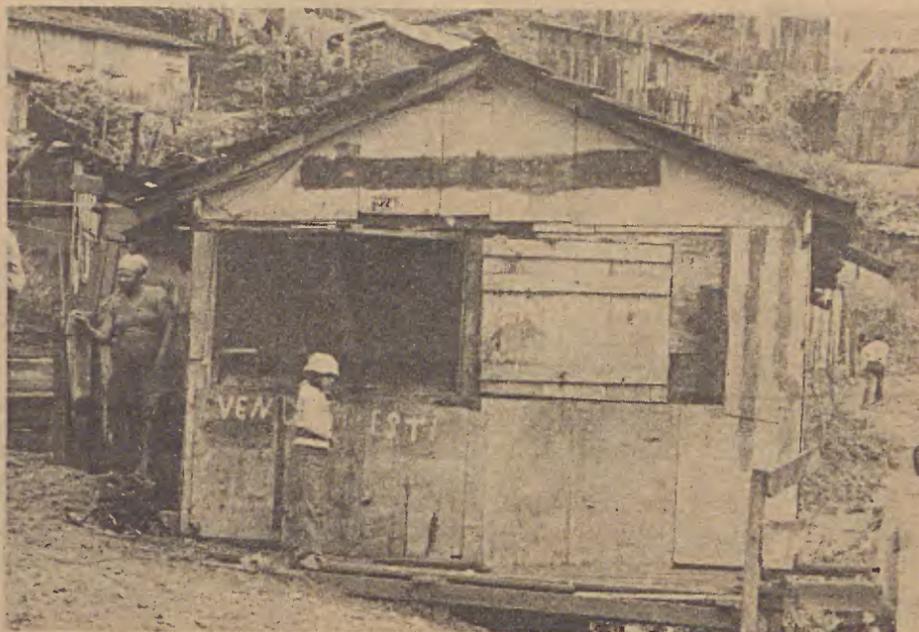
A enrolação fica mais clara ainda quando está na cara que tudo isso é feito para desmobilizar o movimento dos favelados. Os favelados da Zona Sul, a pedido da Prefeitura, fizeram levantamentos de todos os seus núcleos: quantos moradores, quantos barracos, quem tem poço, quem tem luz emprestada, barraco de bloco, madeira ou barro. Isso foi entregue à SATHS e SURS, para o encaminhamento à Light e Sabesp.

Para informar como estão os projetos, as assistentes sociais — com sua conversinha que todo mundo conhece — estiveram na Dutra. Trouxeram três ofícios — de novembro, dezembro e janeiro — com a relação das favelas encaminhadas. "E daí, como está a situação" — queriam saber os favelados. A dona Vânia, da SATHS, muito nervosinha, respondeu: "O que é de competência da SATHS já foi feito, agora está na Light e o pessoal está fazendo projetos. Alguns deveriam estar prontos, mas eles estão com falta de material humano, vocês sabem muito bem que é período de férias".

## PREFEITO NÃO QUER VER FAVELADO NA FRENTE

O prefeito Reynaldo de Barros, que não foi eleito pelo povo e sim escolhido pelo esquema político safado e corrupto de Paulo Maluf, não quer saber de favelados no seu gabinete. Então manda as intermediárias, as assistentes sociais. E a cada reunião aparece uma diferente.

O povo está exigindo a presença de representantes diretos da Light e da Sabesp. É como disse o Paulão, da favela Vila Nova Grajaú: "O prefeito não quer ver a gente. Mas se não for liberado o projeto logo — direito de moradia, água, luz, esgoto — ele vai ver favelado não é todo mês não, mas toda semana, até todo dia se for preciso".



Os favelados querem o direito de moradia, e não apenas melhoramentos isolados.

## SÓ QUEREM ENCOBRIR O PROBLEMA DA FAVELA

As táticas dos governos para tentar encobrir e nunca resolver o problema das favelas em São Paulo, são variadas.

"Desde 1973 eu conheço essa peleja" — disse um morador do Grajaú. Antes a gente comprava um poste, encostado na favela, e a Light ligava. De 73 para cá não podia mais. Agora pode. A verdade é que o pessoal foi se unindo e fazendo eles mesmos as melhorias. Na rua 16, no Grajaú, o pessoal tá fazendo barracos de blocos de concreto, da cabeça deles, contra o prefeito.

É sempre o povo que tem conseguido as coisas com sua união. Seu Adiondas Cardoso Vieira, 50 anos, dez filhos, do núcleo de Santa Fé, trabalhador desempregado, conta que, "com a nossa luta, já conseguimos uma sala pras nossas reuniões".

## FAVELADO TAMBÉM É TRABALHADOR

O crescimento de núcleos de barracos foi grande nos últimos dez anos em São Paulo. Hoje são 880 mil pessoas, dez por cento da população da cidade. No início, eram principalmente núcleos de migrantes nordestinos, mas hoje abrigam também gente que veio do interior do Estado e mesmo gente nascida na cidade que, não tendo mais condição de pagar aluguel, vai para a favela.

Alguns dos favelados presentes à reunião da Dutra comprovam esse fato. Como seu Francisco, do Jardim das Embuias, onde moram

400 famílias faveladas. Ele tem 35 anos, quatro filhos, é funileiro e está encostado há dois anos porque foi operado da coluna.

Fui prá favela porque não dava mais prá pagar aluguel, não tive outra saída. Agora a gente está aí na luta. Esse plano da Prefeitura, cada dia vem um funcionário diferente e a gente percebe a enrolação. Os favelados são trabalhadores. Desde uma pá de areia que é tirada pruma construção, até o ferro que é feito, todo luxo dos patrões é feito pela mão do operário, e ele não tem nada. Nós vamos continuar lutando, vamos na Prefeitura e, se precisar, até Brasília".

Paulão, torneiro-mecânico da favela de Vila Nova Grajaú, disse que, "enquanto o prefeito não liberar o projeto, vai ter que encontrar com a gente na Prefeitura. Ele dando autorização para direito de moradia, água e luz, é o bastante. Ele não vai dispor de dinheiro nenhum, só autorizar. Ai o problema dele com os favelados vai acabar. Estamos bem organizados e nossa intenção é não parar enquanto não venceremos".

A mesma opinião tem dona Lurdes, do Jardim Presidente — com 380 barracos — onde os problemas são bem urgentes:

— Temos 130 barracos com famílias à beira de um córrego onde as máquinas estão trabalhando. E jogam terra nas portas, está todo mundo ilhado. Nós precisamos de uma área prá essas pessoas, mesmo sem casa. A dona Carminha, da SATHS disse que ia arrumar um lugar prá nós no Butantã, Santa Maria e Reimberg. Daí nós fomos lá, e descobrimos que não tem nada, está tudo só em projeto

## "TEMOS QUE NOS ARMAR COM A NOSSA PRESSÃO"

"Acho que a gente não deve se animar com o papo deles, temos que nos armar com a nossa pressão", diz dona Francisca, do Grajaú, onde mora há cinco anos com o marido — que é ajudante geral da Goodyear — e seus seis filhos. Dona Francisco é paraibana, e durante seis anos tentou ganhar a vida em Pernambuco. Seu marido trabalhou 18 anos na agricultura, "tinha uma pequena propriedade do pai dele e do meu, mas não conseguiu nada, só fazia tirar dinheiro do banco e muita dívida".

Plantou milho, algodão, feijão, mandioca. "pra criar os filhos, eu dei aulas durante 19 anos. Daí voltei prá minha terra, vendi lá uma casinha e comprei um barraco aqui por seis mil cruzeiros, nós construímos. Não consegui juntar dinheiro para comprar terreno, não consegui água e luz, nem tijolo. Agora estou no Movimento pedindo não prá mim, mas prá todos. Entreguei hoje o levantamento da minha favela".

Com firmeza, dona Francisca diz o que acha: "Precisamos nos organizar bem, preparar nossa turma, fazer assembleia. Com as nossas forças, não com promessas de prefeito e assistentes sociais. Não me iludo com coisa pouca".

## RELAÇÃO DAS FAVELAS

É a seguinte a relação das favelas da Zona Sul encaminhada pela Coordenadoria do Bem Estar Social da Prefeitura, à Light e Sabesp:

Em novembro: Favela da rua 12, em frente ao número 105, no Jardim Jordanópolis; Rua Kansas, na Hípica Paulista; Jardim Marabá; Estrada Velha de Parelheiros, no Jardim São José;

Em dezembro: Rua Kansas, Hípica Paulista; Jardim Miriam (Rua Antonia Augustin); Rua Delfim da Prata, no Refúgio Santa Terezinha; Favela da Rua 3 (antiga Rua J); Rua Um em frente ao nº 2A, Praia Paulistinha; Favela da Rua 16, no Grajaú; Jardim Marabá; Jardim Santo Antonio; Jardim São Jorge; Alvarenga; Rua 20; Jardim Selma; Estrada do Alvarenga; Rua Mandubis.

Em janeiro: Favela Babilônia; Henrique Mindlin; Mascote; Mendes Gaia, Favela do Sapo; Vila Fachini; Água Espriada; Haroldo Paranhos; Favela Maloca "Levanta a Saia"; Nova Divinéia; Helio Lobo; Núcleo da Rua 3 (Jardim São Bernardo); Estrada Velha de Parelheiros; Rua Hermenegildo Martini; Rua 19 (Jardim Presidente); Rua 13 com Rua 12 (Jardim Presidente) e Favela do Jardim Embuias.

# “A nossa voz e a nossa vez”

Os moradores da nossa região começaram a debater a reformulação partidária imposta pelo governo. Na reunião do Grajaú, os trabalhadores discutiram, pela primeira vez, a proposta do PT.

Por que tem de existir um Partido político representando os trabalhadores? Como fazer para construir esse Partido? Qual o papel desse Partido? Os trabalhadores (operários, camponeses, assalariados em geral) participam da vida política do país? Já existiu um Partido que fosse, realmente, representante dos interesses e das necessidades do trabalhador brasileiro?

Estas questões, e muitas outras, começam a ser debatidas aqui na região, em pequenas reuniões de bairros, desde que surgiu a idéia de construção do partido dos Trabalhadores - o PT. E foi pensando nisso que no dia 2 de fevereiro, um grupo de representantes dos bairros do Grajaú, Jardim Primavera, Cocaia, Parque das Nações, Rio Bonito, Parque América e São José, estiveram debatendo, durante quase três horas, o que significa apoiar o movimento de criação do PT. Esta primeira reunião, de uma série de reuniões já programadas no Grajaú (todos os sábados, às 19 horas, na Igreja), contou com a presença de cerca de 40 pessoas, e o objetivo era tirar um plano de atuação para ampliar a discussão do PT de forma que ela chegue a todos os moradores. Foram convidados também os deputados estaduais (ex-MDB) Geraldo Siqueira Filho e Marcos Aurélio (que mandou seu representante, porque estava em São Carlos para um debate sobre o PT) e o sindicalista Paulo Skromov, da Coordenação Nacional Provisória do PT (que não pôde comparecer). Mas o importante, como disse o “seu” Olímpio do Grajaú, coordenador dos debates, foi o fato de que muitos ali na reunião estavam discutindo o PT pela primeira vez. Diz “seu” Olímpio:

## A HORA DO TRABALHADOR

— Nunca participamos de nenhuma reforma partidária e agora estamos com vontade de participar. Agora, quanto ao PT, ele tem de ser criado pelos próprios trabalhadores, só assim nós teremos condições de fazer alguma coisa.

Durante os debates, os trabalhadores não esqueceram de lembrar que não é só porque tem a proposta de ser um Partido sem patrões que o PT pode dar certo. Disse um trabalhador: “Não adianta a gente repetir que esse é um Par-

tido sem patrão, isso não basta para formar o PT. É preciso que o trabalhador esteja dentro desse Partido, sendo ouvido e dando suas opiniões”. Outra coisa que o pessoal lembrou na reunião foi que “todo trabalhador está interessado em defender seus direitos, mas nós só devemos apoiar um partido que não use a gente como massa de manobra, como tem sido até hoje. Porque o povo já cansou de ver candidato chegando aqui no bairro na época de eleição, prometendo tudo, e depois nunca mais aparece. Por exemplo, até hoje não apareceu por aqui nenhum político para apoiar nossa luta no movimento de favelas. Por que o trabalhador é esquecido na hora em que ele mais precisa?”

Ficou claro então para os participantes da reunião, que o objetivo principal do PT não é só eleger candidatos, porque, “não é só porque entra no PT que o político pode dizer que está junto com o povo. Tem de mostrar serviço, batalhar ao nosso lado, de igual para igual”. Outro participante disse: “Se por acaso a gente eleger um deputado pelo PT e ele não trabalhar ao lado do povo, se prometer e não cumprir, o povo expulsa o sujeito do PT, porque o PT tem de ser do trabalhador”. As discussões clarearam muitas dúvidas que o pessoal ainda tem na cabeça, principalmente depois que todos concordaram que o PT não vai fazer milagres, resolver todos os problemas do trabalhador, mas a sua importância é o fato de ampliar e organizar a luta geral do povo e dar força para os movimentos populares. Assim, como explicou um trabalhador, “a briga do povo não é no parlamento, a briga nossa é nos sindicatos, nos bairros, nas fábricas, na rua”. E qual a diferença entre a proposta do PT e a de outros partidos que estão se formando? Segundo os trabalhadores, “o PT não é mais um Partido igual a esses que estão por aí. O PT é diferente porque é o próprio trabalhador defendendo sua própria causa. Vai ser bem diferente do que tem acontecido na história do Brasil, quando os políticos sempre formaram partidos dizendo que era para defender o trabalhador. E o trabalhador nunca viu ninguém defender seus interesses, nem PTB nem PMDB e nem MDB, porque fazer política, segundo



nós entendemos, não é fazer discurso bonito. É trabalhar.”

Chegou-se também a conclusão de que o PT é uma organização do povo, e assim não é fácil de ser criado da noite para o dia, como qualquer outro partido. “Formar Partidos de cúpulas é fácil, quero ver formar o PT, com proposta de ouvir o povo e abrir espaço para cada um dos milhões de trabalhadores deste país”, disse um operário. Durante os debates os trabalhadores perguntaram ao deputado Geraldo Siqueira Filho por que ele apoia o PT. Explicando sua opção Geraldo Siqueira disse que a única maneira de se transformar o país “é junto com o povo, e o único Partido atualmente preocupado com o povo é o PT”.

— Me candidatei pelo ex-MDB porque era uma forma de fazer Oposição, num país que tem um governo que defende os interesses de banqueiros, empresários, multinacionais e fazendeiros. Mas vejo que no parlamento se pode fazer muito pouco pelos interesses do povo, e o próprio MDB tinha de tudo, até deputados que eram a favor do governo. Por isso acredito na proposta do PT, que se define a favor dos trabalhadores e que será construído por trabalhadores. Daqui pra frente precisamos nos unir e ampliar as discussões, para que o povo comece a fazer política, mas sem pensar que o PT vai resolver todos os problemas apenas porque é um Partido.

## O PT NO JARDIM MIRIAM

Também no Jardim Miriam o pessoal já começou a discutir a proposta do PT. As reuniões são realizadas aos domingos, às 16 horas, na sede da Sociedade Cultural Faça Amolada, na avenida Cupecê nº 5349. Por enquan-

to o grupo de PT é formado por 25 pessoas, representantes de cinco bairros da região, e que logo depois da greve dos metalúrgicos de São Paulo, em novembro do ano passado, resolveram conservar o grupo formado para apoio à greve, e dar a esse grupo um outro caráter. Nascia então a idéia de se discutir o PT, que é uma forma de reorganizar e juntar os movimentos de reivindicações dos bairros, e foi muito bem recebida pelos trabalhadores. Em janeiro deste ano foi formado um pré-núcleo de PT no Jardim Miriam, composto por três comissões: finanças, divulgação e secretaria. Foi indicado também um representante para participar das reuniões da Internúcleos do PT (que reúne, a cada quinze dias, representantes de todos os núcleos de PT). Mas segundo um dos integrantes do pré-núcleo, a oficialização do núcleo ainda vai demorar um pouco, porque é importante que a discussão se estenda a um número cada vez maior de moradores, e é esta tarefa que eles estão levando adiante atualmente. Por que PT e não PMDB?

— Desde as eleições de 1976 (para vereador) e 1978 (para deputados e senadores) quando a periferia se mobilizou para eleger candidatos “autênticos” do MDB, nós começamos a debater a atuação do MDB. De lá para cá, com o avanço das lutas populares e do sindicalismo, o trabalhador começou a se decepcionar com o MDB, que estava atrasado em relação a nossas lutas. Quando surgiu a proposta do PT a gente viu que é uma proposta muito mais avançada e de acordo com nossos interesses. Assim, a maioria dos trabalhadores hoje vê o PMDB apenas como continuação do MDB, então não nos interessa. Temos o PT que é uma coisa nova, democrática, e realmente representativa do trabalhador.

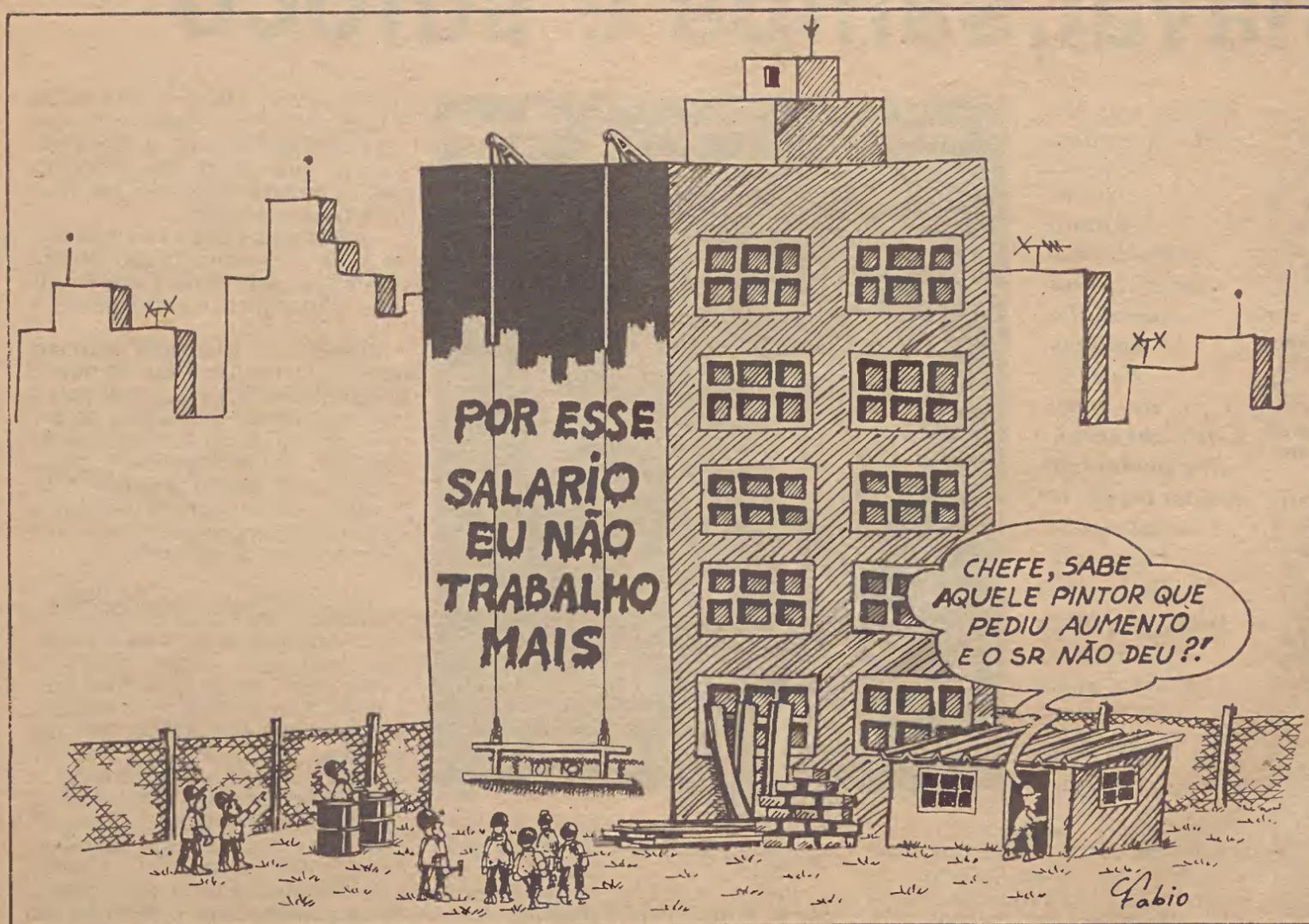
## Por que um partido?

A política é, na verdade, uma luta pelo Poder entre os grupos e classes que formam a sociedade. O que se busca, através da participação no Parlamento e através da conquista de cargos executivos, é participar do Poder, para defender interesses de um grupo ou de uma classe, e colocar em prática um Programa ou uma Plataforma Política.

Os Partidos Políticos surgem, então, como a representação organizada desses interesses. Existem Partidos - nos países democráticos - que defendem interesses dos donos da terra; que defendem os grandes industriais; outros Partidos defendem as camadas médias urbanas; e existem Partidos voltados direta e exclusivamente para a classe trabalhadora. No Brasil, no entanto, os Partidos sempre foram criados de cima para baixo, e divididos não por interesses de classe ou programas políticos, mas por interesses individuais ou de grupos econômicos.

Uma das características fundamentais dos Partidos políticos legais brasileiros, é que sempre pertenceram às classes dominantes. Mesmo os que mais afirmaram sua origem “trabalhista” (como o velho PTB de Getúlio Vargas, e esse “novo” PTB que está surgindo agora) sempre foram controlados por políticos representantes das classes dominantes. O próprio MDB, que durante os últimos anos foi a “oposição legal”, era controlado por políticos que nunca representaram a classe trabalhadora. O MDB abrigou sempre muitos políticos que só estavam ali para enganar o eleitorado e conseguir votos. Para defender os interesses de sua classe, é que os trabalhadores pensam em um Partido hoje.

## Crise



COMERCIANTES,  
ANUNCIEM  
NO JP  
UM JORNAL  
A SERVIÇO  
DA REGIÃO

## PLANTÃO NA SEDE NOVA

O "JORNAL DA PERIFERIA" já está funcionando em sua nova sede. Fica ali na Estrada de Parelheiros, nº 4.560, Sala 13, no prédio ao lado do posto de gasolina, e bem em frente à Igreja do São José. O nosso plantão de sábados e domingos continua no mesmo horário: sábado - de 14 às 19 horas, e domingo - de 9 ao meio-dia. Se algum morador quiser deixar algum recado ou carta durante a semana, pode colocar debaixo da nossa porta. Esperamos sua visita. O JP DEPENDE DOS MORADORES. VENHA NOS AJUDAR A SERVIR A REGIÃO.

# Inflação, salários, crise, etc, etc...

*A crise econômica sempre existiu no Brasil, mas desde 1974 a situação fica cada vez mais preta.*

Nos últimos meses tem se falado muito em "crise econômica". Crise econômica sempre existiu, mas para o lado do trabalhador. Para os banqueiros, empresários, multinacionais, grandes proprietários de terras, a "crise" é real? Quem é que sai perdendo com isso? E o governo, para "resolver" a crise, o que faz? Tira ministro, põe ministro. Mas entra Delfim Neto, e sai Rischbieter, a coisa continua na mesma. Em São Paulo, com crise ou sem crise, Paulo Maluf, um governador biônico, viaja para as Arábias, gastando rios de dinheiro, levando com ele mais de duzentas pessoas. Foram todos passear e o trabalhador aqui, sustentando corruptos.

Mas é preciso entender um pouco mais tudo isso. Por que, para os trabalhadores, o Custo de Vida sobe sempre, e os salários nunca são reais? Os preços sobem por motivos muito claros, que podem ser combatidos. Mas o governo, que não é eleito pelo povo, tem interesse em contrariar os que ganham com a famosa "inflação"? Os banqueiros, comerciantes, intermediários que especulam com alimentos, todos eles estão cada vez mais ricos. As-

sim, é preciso entender o que é inflação e quem ganha com ela. A inflação sempre existiu no Brasil, mas desde 1974 a situação ficou muito mais preta, os preços dispararam a subir.

## Um quilo de arroz, a 20,00

Quando o general Geisel assumiu o governo, em março de 74, um quilo de arroz agulha custava 2,50. Quando ele saiu, em março do ano passado, esse mesmo quilo de arroz custava 11,50, e hoje quase chega a 20,00. O índice de inflação é a combinação do índice de Custo de Vida (que mede os preços pagos pelo consumidor) com o índice de aumentos de preços na construção civil e o índice de preços por atacado (que mede os aumentos pagos pelas indústrias). Custo de Vida é uma coisa, inflação é outra, e todo mês se lê nos jornais uma taxa para a inflação e outra para o Custo de Vida.

Aqui é preciso esclarecer uma coisa: os homens que tomaram o poder à força, em 1964, dizem que os salários são culpados

pela inflação. Isso não é verdade. O arrocho salarial deixou os salários cada vez mais minguados, e os preços continuam subindo. Essa política de arrocho só fez concentrar a renda mais ainda, em vez de distribuí-la. Os trabalhadores começam a compreender isso e não estão mais dispostos a pagar pela inflação. E se a gente analisar a alta de preços, vemos que os alimentos comandam a carestia, mas por que num país com tanta terra como o Brasil os preços dos alimentos são tão altos? Por causa da especulação. Os intermediários compram a produção do agricultor a preços baixos e vendem essa mercadoria muito mais cara ao armazéns e supermercados. Esses, por sua vez, aumentam mais ainda os preços. E o consumidor é quem paga tudo isso. Além disso, o Brasil importa arroz e feijão! Não conseguimos abastecer o mercado interno, devido ao modelo exportador que o governo implantou.

Significa que para enriquecer muito mais depressa, os empresários são incentivados pelo governo a não produzir mercadorias que possam ser consumidas pelo mercado interno. O que interessa são produ-

tos que podem ser exportados, que rendem dólares. Desta forma, abandonado, sem incentivo, sem bons preços, sem assistência técnica, o pequeno produtor do feijão, por exemplo, não aumentou sua produção, e assim acontece com os outros produtos agrícolas.

## É uma mamata só, proveitem

Por outro lado, os grandes grupos têm todas as regalias, estão cheios de privilégios, e enriquecem às custas da coletividade. O governo empresta dinheiro a eles cobrando juros mínimos. É como se a gente fosse comprar um fogão e o dono diz: custa 100,00 mas se você quiser pegar em um ano cobro apenas 120,00. Com uma inflação de 60%, dá pra ver que a gente estaria fazendo um ótimo negócio, pois a loja deveria cobrar 160,00 (os 100,00 iniciais, mais o 60,00 de juros para fazer frente à inflação). Então na verdade, a gente sairia ganhando 40,00. E é exatamente isso que o governo faz para os grandes grupos de empresários, e quem acaba pagando essa

transação somos nós, assalariados, pois o governo empresta é o nosso dinheiro. Por isso os estrangeiros ficam loucos para abrir empresas no Brasil. é uma mamata.

Porém, o problema do combate à inflação e a tudo isso que acontece, não é apenas um problema econômico, é também um problema político. Atrás dessa inflação está a luta entre os trabalhadores de um lado e os patrões e governo de outro. O trabalhador luta por maiores salários. Os patrões lutam por maiores lucros. E o governo está do lado deles. O trabalhador representa uma classe, os patrões e o governo representam outra classe, portanto existe aí uma luta de classes, onde cada uma defende seus interesses. Desta forma, a luta é também política, pois se tivéssemos um governo representando o trabalhador, não haveria lugar para as mamatas e a corrupção, o dinheiro do país seria aplicado em benefício da classe trabalhadora. Hoje já está desmoralizado o velho truque de colocar a culpa da inflação e dos males econômicos do país, nos ridículos aumentos salariais. E o trabalhador começa a entender tudo isso.

# Carnaval, samba e sufoco

Nem bem o carnaval acaba, já começa a preparação para o desfile do ano seguinte. E para as escolas de samba do quarto grupo, formadas na periferia, com todas as dificuldades, a batalha para chegar até a avenida é muito grande. Um exemplo é o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Independentes do Jardim Miriam, da região do Cupecê. O diretor-presidente da escola, Benedito Bento, conhecido como "Diamante", já avisou que logo depois do sábado de aleluia vai começar a preparação para o desfile do ano que vem.

— Formar a escola não foi difícil. Quando mudei aqui para o Jardim Miriam, em 1960, encontrei cinco sambistas amigos meus da Brinco de Ouro, da Vila Mariana. Aí a gente começou a reunir pra fazer batucada e o pessoal foi chegando. Começamos com 130 pessoas, em 1975, e hoje já temos quatrocentos figurantes.

Este ano a Independentes do Jardim Miriam não vai sair com suas cores (branco, preto e verde), nem com o mestre-sala João e a porta-bandeira Niceia. A escola enfrentou muitos problemas no ano passado, e preferiu este ano sair junto com a Lavapés (no sábado, desfila no Ipiranga, na rua Silva Bueno) e com a Escola de Samba de Vila Capela, de São Bernardo do Campo (no domingo a Independentes também vai se apresentar no Jardim Miriam). As fantasias foram dadas pela Lavapés. A Independentes entra com os sambistas e com sua bateria, que é das melhores do quarto grupo. Juntando as duas escolas, serão mais de mil e trezentos figurantes na avenida, defendendo o enredo da Lavapés, "São Paulo da Garoa". No ano passado a Independentes não teve sorte. Diamante lembra com bom humor o sufoco que foi o desfile, e a escola foi suspensa por um ano, por ter se atrasado mais de uma hora na entrada da avenida.

— O diretor da bateria atrasou, os ônibus ficaram aqui um tempão esperando, e quando chegamos na avenida já era tarde, formamos a escola do jeito que deu.

AH! ESTA ALA  
DAS BAIANAS

Diamante conta que formar a ala

*Mulher que não  
gosta de sambar  
com pouca  
roupa.*

*Dificuldade  
para formar  
uma ala com  
apenas dez  
baianas.*

*Falta de  
dinheiro.*

*Estes são alguns  
dos problemas  
de uma escola de  
samba, mas  
Diamante,  
diretor dos  
Independentes  
do Jardim  
Miriam acha  
que mesmo  
assim vale  
a plena*



das baianas é outro sufoco. Ninguém quer vestir roupa comprida:

— A gente dá as fantasias de graça, que já é pra facilitar. Mas é difícil conseguir dez baianas com roupa longa. Todo mundo quer sair de perna de fora.

O regulamento do desfile exige que cada escola tenha no mínimo 10 baianas, uma ala essencial em qualquer samba. Ano passado a Independentes quase entra com as dez, mas deu zebra na última hora:

— Foi uma confusão. Conseguimos 11 baianas, assim mesmo porque os pais de quatro das moças só autorizaram elas a desfilar se não fosse de perna de fora. Mas no dia, uma tomou uns "mê" a mais e ficou de pilequinho, sem poder desfilar. A outra, quando estávamos a caminho da avenida, resolveu mexer com um pessoal que passava e levou uma pedra na cabeça, não pôde desfilar. Resultado: entramos com 9 baianas e perdemos 15 pontos.

A escola só dá dinheiro para vestir a bateria e as baianas de saia comprida, então o pessoal precisa se virar pra conseguir dinheiro e fazer sua fantasia. Diamante diz: "O pessoal ganha pouco, é todo

mundo trabalhador, luta com dificuldade, não sobra dinheiro pra fantasia. É por isso que as moças preferem o biquini, gasta menos pano, é mais barato mesmo".

A bateria também tem dificuldades de arrumar instrumentos, que são caros ou então os batuqueiros têm de fazer eles mesmos seus

instrumentos. Mas o diretor da bateria da Independentes, Luis Carlos Miranda Júnior, o Chevette, garante que apesar das dificuldades a bateria este ano vai fazer uma bela exibição:

— Queremos que a Lavapés passe para o terceiro grupo porque assim seus sambistas poderão ajudar muito a gente no ano que vem.

Chevette e Diamante afirmam que o bom mesmo é sair no quarto grupo e batalhar para passar para o terceiro, porque as escolas de primeiro grupo já são famosas, estão com tudo muito organizado, perde a graça. "O quarto grupo é o do pessoal que sai com o chapéu na mão e quando ganha sente de verdade o sabor da vitória".

Como toda escola da periferia, a Independentes quer uma quadra para ensaios, e já está lutando para isso. Entrou com ofício na União das Escolas de Samba para a prefeitura arranjar uma quadra, mas o tempo passa e não aparece resposta. Enquanto isso eles ensaiam em quadras emprestadas de outras escolas. Mas tem uma coisa que irrita Diamante e Chevette: são os candidatos, que aparecem nas escolas enganando o pessoal e prometendo tudo: "Eles pagam cerveja pra moçada, dizem que vão dar roupa, instrumentos, e depois das eleições desaparecem. Mas de agora em diante não entramos mais nessa, cansamos de ser enganados".

## ATENÇÃO

TODAS AS VILAS DA REGIÃO SUL ESTÃO  
CONVIDADAS A ELEGER UM OU DOIS  
REPRESENTANTES PARA PARTICIPAREM DA  
COMISSÃO DE MORADORES DO JP.  
A PRÓXIMA REUNIÃO SERÁ NO DIA 24 DE FEVEREIRO,  
ÀS 9 HORAS DA MANHÃ, NA NOSSA SEDE,  
QUE FICA NA ESTRADA DE PARELHEIROS, 4560,  
SALA 13.  
COMPAREÇAM.

